

A queda de braço que levou à renúncia do CEO da Eletrobras

Gestão Não houve fato específico que levasse a esse desfecho, mas uma série de eventos mostrando descompasso entre a diretoria e o conselho

De corte de VP a fotos na parede, o que tirou Ferreira Jr. da Eletrobras

Pipe

Maria Luiza Figueiredo
De São Paulo

Na segunda-feira (14), o chairman Juan Monteiro chamou Wilson Ferreira Jr. para uma reunião. Os conselheiros não queriam mais ter suas definições ignoradas e o executivo não demonstrava muito interesse em escutá-las. Numa conversa resumida por duas fontes no estilo "não é você, sou eu", Ferreira, pragmático, pediu demissão. "Tantinho vamos acabar com isso, eu saio."

Não houve um acontecimento específico que levasse a esse desfecho, mas uma sequência de pequenos eventos e sinalizações ao longo do ano de que um entrosamento entre as duas instâncias da administração - conselho e diretoria - não aconteceria. O Pipeline, site de negócios do Valor, ouviu três pessoas do alto escalão da Eletrobras, diretamente envolvidas no processo ou em determinados episódios. A coluna ainda não conseguiu ouvir Ferreira, um dos executivos mais respeitados do setor elétrico.

O Wilson ignorava o que o conselho dizia. A comunicação era muito ruim e eu acho que, na verdade, ele não achava que

tinha que prestar contas", diz um executivo. "Pode ser uma herança de quem presidiu a Eletrobras estatal e falava direto com o ministro, sem muita atenção a um conselho que não tinha poder para demiti-lo", analisa.

Uma dessas situações aconteceu no fim de junho, quando surgiram denúncias de supostas fraudes envolvendo o então vice-presidente de comercialização da Eletrobras, João Carlos Guimarães, e a companhia que presidiria antes. Sem entrar no mérito da acusação, o conselho decidiu que era melhor demitir o executivo, que havia sido contratado por Ferreira, do que comprar a briga e encerrar o risco em sua principal vice-presidência. Passou-se uma semana e Ferreira não havia dispensado o executivo como solicitado, quando foi novamente abordado pelos conselheiros: "a decisão é para comunicação imediata".

O conselho também vinha reclamando da lentidão dos processos internos, com definições para conselheiros da Eletrobras, a competência do ex-CEO nunca ficou em xeque

passando por diferentes consultorias contratadas, e da entrega de resultados. "No fim das contas, ainda parecia gestão de estatal, de certa forma. Você entra na Eletrobras e cada diretoria tem sua sala, antessala, secretárias, motorista", diz esse executivo.

Aos presidentes, cabe também o retrato na parede - outro ponto de discordância. No primeiro mês da nova gestão, os conselheiros falaram sobre o anacronismo daquela galeria, que caberia a Ferreira demontar. Um ano depois, os presidentes seguem estampados nas paredes. "É uma coisa tão simbólica de estatal, que seria tão simples de resolver e fazer como o conselho queria, mesmo que ele achasse uma bobagem", exemplifica uma fonte.

Uma pessoa próxima a Ferreira diz que ele achava mesmo "uma bobagem", que não estava na sua lista de prioridades e nem via esse simbolismo. "Não houve entrosamento. Estavam com agendas diferentes e o conselho queria amarrar a relação com o governo", diz.

Os conselheiros também teriam ficado surpresos com a saída de um diretor que Ferreira tinha ligado para contratar. O conselho não queria o nome, e ele bancou. Meses depois, esse executivo aderiu ao PDV. O board só soube depois e estranhou não ter sido informado, já que se tratava de um



Juan Monteiro deixa o comando do conselho da Eletrobras e assume a presidência da companhia de forma definitiva

cargo de reporte direto ao CEO e que tinha sido tema de debate.

Para um executivo que já trabalhou com Ferreira, essa narrativa soa estranha, já que ele causou desgosto ao governo justamente com medidas de eficiência, com o fim dos salários de emprego, gastos desnecessários e processos ultra burocráticos. "Ele é um executivo fora da curva e já provou isso".

Para os conselheiros da Eletrobras, sua competência nunca ficou em xeque. Mas queriam um outro ritmo imposto à companhia neste momento, dizem as fontes. "O resultado foi bom, finalmente veio corte de custo e eficiência, mas podia ter sido melhor", diz um executivo. "Era uma administração sem pressa para uma empresa privada, mas com certeza muito mais rápida do que estatal", acrescenta.

Depois de uma reunião usual de board na semana passada, com a participação do CEO, alguns conselheiros saíram desanimados com as visões constantemente divergentes na cúpula. Ao longo do final de semana, trocaram mensagens e telefonemas.

Para o conselho da Eletrobras, sua competência nunca ficou em xeque. Mas queriam um outro ritmo imposto à companhia neste momento, dizem as fontes. "O resultado foi bom, finalmente veio corte de custo e eficiência, mas podia ter sido melhor", diz um executivo. "Era uma administração sem pressa para uma empresa privada, mas com certeza muito mais rápida do que estatal", acrescenta.

1 ano
tempo de presidente de Wilson Ferreira Jr.

O posto de Monteiro, no entanto, não é interino, garantiram as fontes. "Ele está totalmente por dentro da companhia e é uma grande aposta".

As fontes descartam um embate específico do ex-CEO com Pedro Batista, da 3G Radar, conselheiro e acionista. "Essa narrativa quem criou foi o governo, quando o atual presidente da República citou a 3G. O Pedro ajudou, sim, no processo de privatização. Chamou o Wilson, mas não passava a mão na cabeça, assim como os demais", diz um executivo. O governo questiona judicialmente o poder da 3G Radar no conselho da Eletrobras.

Este texto foi originalmente publicado pelo Pipeline, o site de negócios do Valor Econômico

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Empresas Caderno: B Pagina: 1